



SETEK – Seminário Teológico Egmont Machado Krischke

Disciplina: Teologia Moral (Ensino à Distância)
Professor: Dom Luiz Osório P. Prado
Aluno: Luiz Carlos Teixeira Coelho Filho (DARJ)

LUIZ CARLOS TEIXEIRA COELHO FILHO

SOCIALISMO SACRAMENTAL
O LEGADO MORAL DO ANGLO-CATOLICISMO

Rio de Janeiro – RJ

2009

LUIZ CARLOS TEIXEIRA COELHO FILHO

SOCIALISMO SACRAMENTAL
O LEGADO MORAL DO ANGLO-CATOLICISMO

Monografia apresentada em cumprimento às exigências da disciplina Teologia Moral Anglicana do programa de Bacharelado em Teologia do Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke.

Rio de Janeiro – RJ

2009

SUMÁRIO

	página
1. INTRODUÇÃO	5
2. SOCIALISMO SACRAMENTAL NO FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	7
3. ANGLO-CATOLICISMO HOJE	10
4. CONCLUSÃO	11
5. BIBLIOGRAFIA	11

1. INTRODUÇÃO

A província brasileira foi concebida, em grande parte, através do trabalho de missionários anglicanos da corrente evangélica da Igreja. Tal corrente tem seus prós e contras, os quais invariavelmente determinaram o jeito de ser do anglicanismo brasileiro, ainda que de forma menos notável nos últimos trinta anos. Para muitos anglicanos no Brasil, especialmente de gerações mais antigas, o jeito de ser anglicano vivido por eles em sua infância e juventude é, de fato, o jeito de ser evangélico na tradição anglicana.

O anglo-catolicismo, contudo, seguiu um caminho tortuoso e menos evidente em terras brasileiras. Pode-se citar, por exemplo, o peculiar caso do Rev. Salomão Ferraz, atuante em São Paulo nas décadas de 20 e 30, e que talvez tivesse continuado em nosso seio caso tivesse surgido décadas depois. Sua defesa da doutrina católica, e de certas práticas, muitas vezes em aberta oposição à orientação de seus superiores, acabaram por resultar em sua saída da IEAB, sagração episcopal, e, após peregrinação por outros corpos eclesiais, na conversão ao Catolicismo Romano.

Passariam-se anos até que práticas como a comunhão dominical, o uso de velas no altar e até mesmo incenso (em algumas paróquias) não atissem a atenção de anglicanos brasileiros. A simples adoção de tais práticas, contudo, não implica em uma “conversão” generalizada da igreja brasileira para a ala anglo-católica do anglicanismo, mas sobretudo uma adequação ao cenário anglicano internacional, onde uma grande parte das igrejas encontra-se num meio-termo entre ambos os extremos da igreja.

Hoje, pode verificar-se sinais de anglo-catolicismo em várias comunidades eclesiais da IEAB, e até mesmo uma quantidade limitada de igrejas que admitem uma visão católica como identidade. Contudo, tal identidade vai além dos sinais visíveis da adoração católica? Uma simples discussão entre leigos anglicanos revela interessantes respostas: “eu sou evangelical (sic) porque não gosto de incenso”, “os anglo-católicos têm um culto muito rebuscado, sem simplicidade”, “não concordo com essa tendência católica de crucifixos e estátuas nas nossas igrejas”¹. O perigo, evidente nessas respostas, é que as práticas católicas adotadas em nossa igreja não são eficazes em sua justificação ético-teológica (ao menos para o grande público). Para muitos no seio da IEAB, Anglo-Catolicismo resume-se aos meios, e não aos fins, como sinais visíveis de um caráter católico da Igreja. E uma visão

1 Respostas variadas coletadas no Concílio da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro, em 2008.

simplista do ritual como sinal essencial de uma identidade anglo-católica impreterivelmente levanta a natural comparação com o Catolicismo Romano, e a conclusão simplista que ambos são a mesma coisa.

Entretanto, o Anglo-Catolicismo, desde o princípio, desenvolveu-se de forma peculiar dentro do panorama anglicano do século XVI. É certo que o Movimento de Oxford, em sua segunda e terceira gerações, levou a correntes que advogavam idéias das mais conciliadoras às mais radicais. Houve aqueles que enfatizavam a importância da retomada de uma visão católica para o Anglicanismo, destacando a Eucaristia semanal, a sucessão apostólica, a regeneração batismal e outros pontos importantes da doutrina da Igreja indivisa. Houve outros que sentiam que era necessário restaurar o ritual perdido na reforma inglesa. Entre eles, houve os que adotaram de forma praticamente plena o rito romano de então (tridentino), aqueles que mesclavam práticas romanas com práticas anglicanas de então e também os que buscaram restaurar o ritual anglicano pré-reforma (similar, mas diferente do rito romano), adaptando-o ao espírito do Livro de Oração Comum. No final do século XVI, após julgamentos, êxodo para Roma de uma série de sacerdotes, protestos e ampla cobertura da mídia inglesa, uma tendência consideravelmente sólida verificava-se entre os anglo-católicos. Os que continuavam apresentavam um “sabor” diferente do Catolicismo Romano. Adotavam, em diversos graus, uma interpolação litúrgica do que era possível reviver do catolicismo medieval inglês, com o Livro de Oração Comum e o ritual romano quando necessário. Praticavam a liturgia na língua do povo. Organizavam-se em sociedades devocionais e monásticas, muitas vezes atreladas a obras de caridade. Enxergavam a Igreja Anglicana como mais um dos ramos do Catolicismo, e, ainda que entre alguns houvesse um sentimento de união com Roma, tal hipótese era posta num distante futuro.

Mas acima de tudo, encontravam-se em número desproporcionalmente alto em favelas e comunidades agrárias. A perseguição, muitas vezes, forçou os entusiastas anglo-católicos a abrirem missões em meio aos excluídos e, ainda que soe contraditório a mentes contemporâneas, a combinação de doutrina católica e ritual rebuscado tornou-se popular em meio àqueles que viviam em miséria na Grã-Bretanha vitoriana. Logo, missões estariam presentes em diversas partes ao redor do mundo, e grupos anglo-católicos seriam responsáveis por trabalho missionário em áreas como a África oriental e a Oceania.

Essa combinação peculiar de vida em meio aos excluídos, ascensão dos movimentos populares no mundo ocidental, preocupação com a doutrina católica, uso de ritual medieval reconstruído e substrato teológico anglicano (que muitas vezes se referia a teólogos pós-reforma, como os carolinos), gerou um grupo nitidamente comprometido com questões sociais dentro da Igreja. Sua teologia e

práxis fluem e interagem com tal preocupação, e nela encontram sua razão de ser. Mais que um mero avivamento romântico, para muitos anglo-católicos, seu ethos expressa necessidades mais profundas da humanidade, e suas atitudes fluem desse relacionamento entre Deus e sua criação. Tal profundidade teológica é, muitas vezes, desconhecida no cenário brasileiro e esta monografia objetiva apresentá-la como ferramenta de reflexão para anglicanos no Brasil, e de inspiração para aqueles que se identificam com o anglo-catolicismo em particular.

2. SOCIALISMO SACRAMENTAL NO FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

ORENS (1983, p. 64) aponta que, nos movimentos de luta social dos anos 60, muitos anglicanos consideravam que tal engajamento se tratava de uma aberração, sem ligação com o passado da Igreja.

Entretanto, pode-se encontrar movimentos de caráter social em meio ao Anglicanismo ao menos desde a época de Frederick Denison Maurice, que fundou o primeiro grupo socialista cristão em 1848. Curiosamente, Maurice não se identificava com nenhum dos movimentos de então e, embora hoje haja quem o classifique como um “católico liberal”, sua visão era de uma clássica *Via Media*. Ele apontava que a fé evangélica era individualista e assustava os fiéis com a ameaça de inferno. Os tractarianos, embora houvessem restaurado a ênfase devida na Encarnação, bem como na regeneração batismal, pregavam que pecados pós-batismais trariam a morte eterna. Não havia preocupação com o bem-estar das massas miseráveis. Para o pobre, a única esperança encontrava-se na vida eterna. A novidade no ensinamento de Maurice era que a salvação era para todos, que o amor de Deus é mais forte que o pecado, que somos criados à sua imagem e semelhança, que a Encarnação nos mostra que Deus vê sua criação, apesar do pecado, com bons olhos. E, principalmente, Maurice defendia que o Reino de Deus começava aqui, e que Sua Justiça se aplicava ao bem-estar daqueles que viviam em estado miserável (ORENS, 1983, p.67).

A doutrina da Encarnação tornou-se central no entendimento da necessidade de ação social por parte da Igreja, em meio aos anglo-católicos após Maurice. Certamente, o movimento iniciado por ele influenciou toda uma nova geração de novos sacerdotes. Mas também, a migração do tractarianismo de Oxford para o restante da Inglaterra (e, posteriormente, do mundo) confrontou essa nova geração de ministros com a realidade lúgubre da miséria humana. É certo que a primeira geração de anglo-

católicos gastou mais tempo discutindo implicações teológicas do Batismo, Eucaristia e Ordens Sagradas, já na década de 1840, o Pe. Edward Bouverie Pusey, um dos fundadores do movimento, ajudou a fundar a paróquia de São Salvador, no centro industrial de Leeds (GROVES, 2000, p. 73). A perseguição incessante por parte de muitos bispos evangélicos forçou muitos dos jovens anglo-católicos a aceitarem paróquias, ou até mesmo estabelecerem missões em áreas carentes. REED (1988, p. 376) aponta que o sacerdote anglo-católico de favelas era, nos idos de 1880, uma figura tão comum a ponto de ser tratado como o estereótipo do anglo-catolicismo. Tal imagem pode ter sido consideravelmente distorcida, mas é verdade que muitas das principais igrejas do movimento católico anglicano se encontravam em áreas de extrema miséria, e que muitas vezes, os fiéis que se apinhavam aos domingos para a missa solene preocupavam-se mais com o caráter solidário e trabalhador dos inúmeros sacerdotes, monges e freiras (muitos deles a trabalhar de graça) que lhes provinham atenção material e espiritual em lugares onde a Igreja da Inglaterra nunca havia atuado com consistência.

Vários religiosos de vulto se destacavam no trabalho entre os pobres. Entre eles, pode se citar o Pe. Alexander Mackonochie, de São Albano em Holborn, em meio à pobreza do centro de Londres, e seu cura, Pe. Arthur Stanton, grande pregador em uma época de turbulências sociais. Mackonochie foi julgado uma série de vezes, ao longo de quatorze anos, por suas tendências ritualistas. E o Pe. Stuart Headlam, fundador da Guilda de São Mateus, de espírito libertário, patrocinador da dança e das artes e notável defensor de Oscar Wilde, deu início à tradição de organizações anglo-católicas de caráter socialista.

Talvez este último tenha sido um dos primeiros a traçar o paralelo teológico entre o ethos anglo-católico e o evangelho social. Para ele, a liturgia elaborada era o sinal da beleza de um Deus a quem damos graças, e não a tentativa desesperada de agradar um deus cruel. A presença real de Cristo na Eucaristia era sinal de que Jesus estava presente em meio aos necessitados. Também apontava para o amor de Deus manifesto na Encarnação. Para Ele, havia beleza no mundo, apesar do pecado. Por isso, fazia-se presente nos elementos do pão e do vinho. A Comunhão era, assim, a manifestação do Deus da Justiça. Todos recebiam a mesma porção, o que os tornavam “Sagrados Comunistas” (ORENS, 1983, p. 68). Não há maior implicação social que esta.

Menos radical que Headlam, mas igualmente preocupado com o caráter social da igreja foi o Charles Gore, Bispo de Birmingham e fundador da União Social Cristã. Como herdeiro da tradição católico-sacramental, ele veio a criar a Comunidade da Ressureição, e a posterior Faculdade da Ressureição, as quais viriam a canalizar muito do pensamento católico-liberal no século XX. A série de

escritos *Lux Mundi* é, talvez, a contribuição mais singular de Gore para o pensamento anglo-católico, por expor tal tradição à crítica bíblica e à teologia liberal. É da tradição formada em torno dos padres da Ressureição que o Arcebispo Desmond Tutu receberia sua formação anos depois (GROVES, 2000, p. 78).

A tarefa advogada pelos socialistas sacramentalistas poderia ser resumida nas simples palavras do Pe. Keble Talbot, em discurso no Primeiro Congresso Anglo-Católico: “A Igreja deve buscar o controle da ordem secular para o Reino de Deus – elevar o natural ao sobrenatural. De outra forma, a Igreja Católica tornar-se-á o passatempo de um grupelho, ao invés de uma força na imposição de mãos sobre todo o mundo.” Assim, o movimento social cristão conclamava a Igreja a dar valor ao Sacramento do Batismo. Todo cristão, como membro batizado da Igreja, deveria renunciar a pompa e glória do mundo, e se separar das forças diabólicas de dominação social presentes no mundo que os cerca (RECKITT, 1924, p. 153). Curiosamente, a ala anglo-católica, que defendia uma visão mais elaborada do sacerdócio, era a mesma que proclamava a intensa participação do laicato, posicionando-se em harmonia com o sacerdócio universal defendido por Lutero e outros reformadores.

Uma característica advinda de tal abordagem foi a criação de irmandades e sociedades comunitárias (para homens e mulheres) no meio do anglicanismo. Tais irmandades, mesmo quando de caráter conservador, eram uma “excelente oportunidade para ... utilidade social” (PEDERSEN, 1981, p. 465). Curiosamente, muitos dos avanços em termos de educação para mulheres e pessoas carentes foram patrocinados por tais associações, algumas das quais formadas não necessariamente por pessoas simpáticas ao feminismo e ao socialismo. De fato, apesar da impossibilidade do acesso 'feminino ao sacerdócio, mulheres como Vida Scudder (nos Estados Unidos) e Evely Underhill contribuíram sobremaneira para o movimento católico social no Anglicanismo.

Outro grupo até recentemente ausente do foco das discussões teológicas, mas tratado com um certo cuidado pastoral pelos primeiros anglo-católicos foram os homossexuais. Hilliard (1982) levantou diversos casos em paróquias e comunidades anglo-católicas, em que homossexuais eram bem-vindos e aceitos. Tais casos não deixam de incluir a promiscuidade quixotesca, mas, em sua maioria demonstram uma tentativa de aceitar aqueles cujos instintos sexuais eram direcionados a pessoas do mesmo sexo, provendo-lhes oportunidades nas artes, música e liturgia para que direcionassem tais instintos a um amor fraternal cristão com seus pares – uma posição surpreendente numa sociedade na qual tal assunto era tabu e severamente punido de acordo com a lei.

A doutrina da Encarnação era, seguramente, a base fundamental de todas essas ações. O foco

exagerado na Expição era criticado por direcionar a Igreja a se preocupar apenas com o após-morte e com a salvação individual. A Encarnação demonstra que Deus se preocupa com este mundo, e com sua redenção aqui e na vida vindoura. Para Maurice, a Encarnação apontava para o estabelecimento de uma comunidade em permanente comunhão com Deus. O Reino de Deus, então, começa neste mundo, e a Igreja se faz em comunidade.

3. ANGLO-CATOLICISMO HOJE

Via de regra, quando se pensa em anglo-catolicismo hoje, a primeira idéia que vem a mente envolve grupos ultra-conservadores, a copiar verbatim o rito romano tridentino e proclamar a autoridade do Papa. Entretanto, o legado do anglo-catolicismo em meio ao anglicanismo contemporâneo vai muito mais além, e tais grupos muitas das vezes são minorias anômalas que não refletem a essência do pensamento anglicano católico atual.

Um considerável percentual de anglo-católicos continuou o diálogo teológico proposto por Charles Gore e F. D. Maurice, trazendo de volta a importância da Tradição à teologia anglicana, mas ao mesmo tempo confrontando-a com a razão e com os avanços da exegese crítica das Escrituras. Estes foram voz ativa no movimento litúrgico, nos movimentos ecumênicos (sobretudo com as igrejas que mantiveram a sucessão apostólica), e nos movimentos sociais e inclusivos que começaram a abalar as bases da Igreja nos anos 60. Tais movimentos continuaram em seu curso nas décadas posteriores, e abraçaram a ordenação feminina como desenvolvimento da Tradição, entendendo não se tratar de rompimento da catolicidade da Igreja. Tal grupo é conhecido por formar, nos anos noventa, a sociedade “Affirming Catholicism”, e por reunir personalidades como o Arcebispo Desmond Tutu e o atual Arcebispo de Cantuária Rowan Williams.

Entretanto, os princípios éticos anglo-católicos, e suas implicações teológicas e litúrgicas, deixaram marcas na Igreja Anglicana como um todo. Hoje, até mesmo entre evangélicos, podem ser vistos elementos litúrgicos e teológicos que apontam para uma maior consideração das implicações da doutrina da Encarnação. A preocupação com justiça social e cuidado com os necessitados presente nos ensinamentos dos teólogos anglo-católicos possui muito em comum com considerações futuras dos movimentos sociais (incluindo a Teologia da Libertação) da segunda metade do século XX. Certamente, o legado de tais homens e mulheres encontra-se presente em nosso meio.

4. CONCLUSÃO

Anglo-católicos foram tipicamente caracterizados por sua preocupação teológica com a continuidade da Igreja Católica no Anglicanismo, por seu ritual elaborado e reintrodução de elementos pré-Reforma em seu ethos. Sua atuação, contudo, vai além de tais meras características.

A liturgia católica proposta por tais anglicanos reflete o significado básico da palavra liturgia: trabalho do povo. Muito embora em alguns casos o avivamento católico tenha ampliado os males do clericalismo, é possível argumentar que a necessidade de flores, música, acólitos, ministros leigos e de eucaristia, entre outras tarefas, de fato concedeu oportunidades a diversos leigos para que se engajassem nas atividades paroquiais. Há um princípio teológico importantíssimo envolvido em tal afirmação. O louvor a Deus envolve o trabalho de toda a gente, em corpo, mente e espírito, e corais, procissões e outros atos litúrgicos deveriam ser encorajados em nossas paróquias, como exemplos de tal preceito teológico.

Tal senso de comunidade conecta diversas expressões socialistas com o anglo-catolicismo. A participação de todos prediz o Reino de Deus, proclamado nos Evangelhos, e que – segundo vários sacramentalistas/socialistas – deve ser buscado neste mundo. Aquele que veio a este mundo ser um de nós mostra a necessidade de justiça e solidariedade. Seu sacrifício por todas as nações inspira-nos não somente à confiança na salvação após esta vida, mas também à reconciliação de todo o mundo em Cristo e transformação das estruturas deste mundo no Reino de Deus.

5. BIBLIOGRAFIA

GROVES, N. Society and Sacrament: The Anglican Left and Sacramental Socialism, Ritual as Ethics. *Buddhist-Christian Studies*, v. 20, p. 71-384, 2000.

HILLIARD, D. Unenglish and Unmanly: Anglo-Catholicism and Homosexuality. *Victorian Studies*, v. 25, n. 2, p. 181-210, Inverno/1982.

PEDERSEN, J. Some Victorian Headmistresses: A Conservative Tradition of Social Reform. *Victorian Studies*, v. 24, n. 4, p. 463-488, Verão/1981.

- PELLING, H. Religion and the Nineteenth-Century British Working Class. *Past & Present*, n. 27, p. 128-133, Abril/1964.
- RECKITT, M. B. The Christian Social Movement in England: Its Aims and Its Organization. *The Journal of Religion*, v. 4, n. 2, p. 147-173, Março/1924.
- REED, J. S. Ritualism Rampant in East London: Anglo-Catholicism and the Urban Poor. *Victorian Studies*, v. 31, n. 3, p. 375-403, Primavera/1988.
- ORENS, J. R. Politics and the Kingdom. In: *The Anglican Moral Choice*. Wilton, Connecticut, EUA: Morehouse-Barlow, 1983. Cap. 3, p. 63-84.
- WALSH, C. The Incarnation and the Christian Socialist Conscience in the Victorian Church of England. *The Journal of British Studies*, v. 34, n. 3, p. 351-374, Julho/1995.